

Em cinco anos de independência

SOUBEMOS HONRAR O SANGUE VERTIDO PELOS MELHORES FILHOS DO NOSSO POVO

-Presidente Samora Machel falando à Nação por ocasião de mais um aniversário da RPM

O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, dirigiu na noite de ontem à Nação, através dos microfones da Rádio Moçambique, uma importante mensagem por ocasião do 5.º aniversário da independência nacional, cujo o teor é o seguinte de acordo com os nossos serviços de escuta e gravação:

Moçambicanos

Moçambicanas,

Dentro em pouco, festejaremos o 5.º aniversário da independência nacional.

A esta mesma hora, há cinco anos, todos aguardávamos com ansiedade este momento maior da nossa vida que foi o da proclamação da independência.

Aguardávamos, com o coração cheio de alegria e expectativa, o momento que marcaria o fim de 500 anos de dominação.

O nosso povo ia, finalmente, poder decidir sobre o seu destino, de forma livre, soberana e independente.

A opressão racial, a humilhação e a discriminação iam ser enterradas, definitivamente, no nosso país.

Não nasceríamos estrangeiros na nossa própria terra, não mais sentiríamos o peso das botas do colono, não mais sentiríamos nas mãos a dor da palmatória, dor física, mas principalmente dor moral, dor que nos feria por dentro e deixava marcas profundas.

A esta mesma hora, há

cinco anos, vivíamos os momentos exaltantes do triunfo sobre o colonialismo, vivíamos a euforia das grandes vitórias.

Alcançávamos finalmente o objectivo pelo qual havíamos pegado em armas, alcançávamos o objectivo pelo qual já os nossos pais e os nossos avós tinham lutado e morrido.

Por isso, dizemos que o 25 de Junho de 1975 foi o dia maior da nossa vida, foi o dia maior da nossa História.

Todos sabíamos como era pesada a herança colonial.

A Bandeira da República Popular de Moçambique, ostentando as cores gloriosas da FRELIMO, foiçada num país devastado pela guerra, num país arruinado por séculos de exploração colonial.

A fome, a nudez, a miséria, a doença e o analfabetismo eram males ednémicos, que afectavam praticamente a totalidade do nosso povo.

Por isso, a nossa palavra de ordem, no dia da independência, foi a da LUTA CONTINUA!

O momento da independência não foi a paragem do combate. Foi a sua transfor-

mação. Foi a sua passagem a uma fase mais elevada, a uma fase em que tínhamos conquistado o direito de nos governarmos.

Pelas armas, com o sangue e o sacrifício, com a coragem e a determinação, tínhamos reafirmado a nossa dignidade, conquistado a nossa independência.

Com o combate comum, com o sangue vertido em conjunto, com o trabalho colectivo, tínhamos forjado a Unidade Nacional.

Construímos na guerra e no sofrimento, na realização difícil da nossa maior aspiração, o orgulho legítimo de sermos moçambicanos, de como moçambicanos nos afirmarmos perante o Mundo.

Transformando-nos de fracos em fortes, vencendo um inimigo poderoso, aprendemos a valorizar a nossa força colectiva, a nossa inteligência, a nossa experiência.

Aprendemos que a realização das nossas aspirações depende de nós próprios, da nossa determinação, da nossa organização, da nossa disciplina, do nosso trabalho.

Na luta contra a dominação colonial, aprendemos a

dirigir o nosso ódio contra todas as formas de exploração e opressão, contra toda a injustiça.

Nas lutas libertadas durante a luta armada, aprendemos na nossa própria carne a não aceitar a substituição do explorador estrangeiro pelo explorador moçambicano.

Por tudo isto, sabíamos, no dia da nossa independência, que a luta não estava terminada e que tínhamos de lançar o combate difícil e grandioso da construção de um país independente, desenvolvido, próspero, livre da exploração de um país digno do sangue e do sacrifício consentidos pelo nosso povo.

No próprio dia da independência, lançamos este novo combate.

Hoje, cinco anos depois, vamos medir os passos que demos, as vitórias que alcançamos.

Podemos afirmar que construímos a base sólida para o desenvolvimento da luta, para avançarmos na conquista dos nossos objectivos finais.

Transformámos profundamente o nosso país.

As transformações, que realizamos, são já irreversíveis.

O nosso povo não aceitará jamais que a terra seja dividida entre proprietários, que seja apropriada por latifundiários, para explorarem o seu trabalho.

A terra recuperada pelo povo, que foi generosamente regada pelo sangue do povo, destina-se ao seu trabalho livre, destina-se a produzir a sua própria riqueza.

Nacionalizámos a terra para criar os grandes complexos agrícolas, onde milhares de moçambicanos trabalham, ganham o seu salário e produzem para Moçambique.

Nacionalizámos a terra para que os camponeses possam juntar as suas forças nas cooperativas, possam organizar colectivamente a sua vida nas aldeias comunitárias.

Nacionalizámos a terra para

plantar cajueiros, para produzir algodão, para termos açúcar e milho, fruta e amendoim, roupa e pão.

Nacionalizámos a terra para que fossem nossos o carvão e o ferro e todas as riquezas que os nossos braços arrancam da terra, os rios que dominamos para irrigar os nossos campos.

O nosso povo não aceitará jamais que os hospitais sejam centros de negócio, de humilhação e de discriminação, onde o sofrimento é transformado em lucro e a cor da pele determina a qualidade do tratamento.

Tomámos os hospitais e organizámos a Saúde para desencadearmos a luta contra a doença, para que, em todo o país, haja hospitais e postos sanitários, haja médicos e enfermeiros, haja medicamentos e vacinas ao alcance de quem deles precisa e não detém em dinheiro.

O nosso povo não aceitará nunca mais que as escolas, sirvam para fabricar futuros exploradores, para ensinarem as técnicas da opressão e da exploração.

As nossas escolas estão a nascer em todos os pontos do nosso país e tomamos o ensino para que nenhuma criança se torne adulta, permanecendo no analfabetismo e na ignorância, para que nenhum adulto veja cortada as possibilidades de aprender e a dominar a ciência e a técnica.

Tomámos as escolas desde o ensino primário à universidade para as transformarmos em centros de formação do homem novo, do homem que serve o seu povo e a sua Pátria.

O nosso povo não aceitará nunca mais que o seu trabalho nas fábricas, nos portos, nos caminhos de ferro, nos barcos de pesca, na construção de casas, estradas e pontes seja para enriquecer um punhado de exploradores.

Nacionalizámos os sectores estratégicos da nossa economia e controlamos a actividade económica, para garantir que toda a produção nacional sirva os interesses do povo, para garantir o desenvolvimento do nosso país.

O nosso povo não aceitará jamais que a sua necessidade de habitação seja objecto de negócio

do proprietário de prédios de rendimento.

Tomámos os prédios de rendimento para deixarmos de só poder viver nos quintais das cidades.

As rendas, que pagamos, são para construir novas casas, para criarmos condições para todos terem uma habitação digna.

O nosso povo não aceitará jamais ser dividido em tribos, em regiões, em raças.

A Unidade Nacional, forjado na luta armada de libertação nacional, tornou-se indestrutível e venceu todas as manobras dos agentes do divisionismo.

Moçambicanos,

Moçambicanas,

As conquistas que alcançamos, as transformações irreversíveis que realizamos no nosso país, foram conseguidos por que soubemos definir claramente os nossos objectivos, organizar correctamente a nossa força e seguir a estratégia justa. Não definimos uma luta cega contra a exploração.

Traçamos o nosso objectivo: a construção do socialismo.

Engajamo-nos na luta pela construção do socialismo, por que sabemos que o socialismo é sinónimo de felicidade, de bem-estar, de justiça, de progresso e de paz.

Queremos construir o socialismo, por que queremos libertar-nos para sempre da injustiça, da exploração, da fome, da nudez, da miséria, da doença e da ignorância, porque queremos ter comida, queremos ter roupa, escolas, hospitais, jardins, livros, campos desportivos, centros de férias, salas de espectáculos para todos.

Traçamos o objectivo e organizamos a nossa força.

A nossa força principal é a nossa unidade — a unidade do Povo moçambicano, em torno do nosso partido de vanguarda, o Partido FRELIMO.

Criámos o Partido FRELIMO, partido marxista-leninista, como um instrumento indispensável para nos guiar na nova fase do nosso combate, na luta pela construção do socialismo.

Criámos o partido da classe operária e do campesinato, a vanguarda dos trabalhadores, que assegura a materialização do seu poder em

toda a sociedade.

Esta foi uma conquista histórica do nosso povo.

Estruturámos o nosso Estado de operários e camponeses.

Ao criarmos a Assembleia Popular e as Assembleias do Povo, ao elegermos os nossos representantes, os melhores trabalhadores, os mais dedicados e conscientes, manifestamos a essência profunda do poder popular, valorizando a rica experiência ganha nas zonas libertadas, durante a luta armada e desenvolvida após a derrota do colonialismo nos grupos dinamizados.

O novo governo exprime o poder da aliança operário-camponesa. É um governo forte, estável, constituído pelos dirigentes que se formaram na luta de libertação nacional, no combate pela reconstrução do nosso país.

As FPLM transformaram-se num exército regular moderno e poderoso, que, com determinação e heroísmo, garante a nossa soberania, a nossa integridade territorial, defende a nossa revolução.

Em Gaza, em Tete, em Manica, em Sofala, na províncias mais atingidas pelas agressões criminosas do regime racista de Ian Smith, as FPLM, sempre estreitamente unidas ao povo organizado, escreveram algumas das mais belas páginas de heroísmo da nossa História, defendendo firmemente as nossas fronteiras e impondo pesadas derrotas aos agressores.

Estruturamos a nossa Força desenvolvemos a nossa unidade nas organizações democráticas de massas.

Enquadrados na OJM, os nossos jovens engajam-se activamente na escola, nas fábricas, no exército, nas brigadas de voluntários para a reconstrução das zonas mais afectadas pelas agressões racistas, no projecto de desenvolvimento da Província do Niassa.

Enquadrados na OMM, a mulher moçambicana assume cada vez mais a luta pela sua libertação e em todos os sectores produtivos ela reafirma o seu papel fundamental na revolução.

Através do Conselho de Produção, os trabalhadores avançam no processo exaltante da formação dos sindicatos.

A solidariedade internacionalista do nosso povo, forjada nas con-

dições mais difíceis, assumida sempre de forma activa, tem agora o seu instrumento de acção permanente, a Associação Moçambicana de Amizade e Solidariedade com os Povos.

A nossa unidade alimenta-se da consciência patriótica socialista, que se desenvolve e se aprofunda em todo o nosso povo.

Dizemos com orgulho que estes cinco anos de independência produziram heróis do trabalho.

São heróis os trabalhadores, que, debaixo dos bombardeamentos, permanentemente ameaçados pelas agressões rodesianas conduziram os combolos a Chicualacuala.

São heróis os mineiros de Mozitizze que, em condições de segurança precárias prosseguiram o trabalho nas galerias.

São heróis os trabalhadores que, na Beira, não olharam ao perigo que corriam as suas vidas, quando foram apagado o incêndio provocado pelas agressões rodesianas nos depósitos de combustível.

São heróis os camionistas que, em estradas bombardeadas pelo inimigo, continuaram a transportar as mercadorias para o abastecimento do povo.

São heróis os trabalhadores que, nestes últimos dias, após 80 horas ininterruptas de serviço, restabeleceram o abastecimento de água a Maputo.

Estes são apenas alguns exemplos.

Em todos os sectores, em todo o país surgiram já os heróis desta fase da nossa História, os heróis do trabalho.

MOÇAMBICANOS,

MOÇAMBICANAS,

A República Popular de Moçambique é hoje um país prestigiado no conjunto das Nações africanas e da Comunidade Internacional.

O prestígio conquistado pela FRELIMO, durante a luta armada de libertação nacional, reflectiu-se no nosso país independente a aprofundou-se nestes cinco anos de liberdade. Ele resulta a prática permanente de uma política consequente com os princípios que defendemos.

Nunca tomámos apenas posições de princípio. As posições que assumimos, a solidariedade interna-

cionalista e a luta justa dos outros povos, que proclamámos, são comprovadas na nossa prática, nas condições mais difíceis, mesmo quando foi preciso o nosso povo aceitar os maiores sacrifícios, incluindo a da vida dos seus filhos.

Podemos afirmar com orgulho que a independência do Moçambique alterou profundamente a situação na África Austral.

A presença de um novo país independente constituía por si só uma alteração na correlação de forças na nossa zona.

Mas, o factor principal foi a política justa e de apoio intransigente e militante à luta dos povos do Zimbabwe, da Namíbia e da África do Sul, contra o colonialismo e o racismo, que o nosso país seguiu.

Aceitámos verter o nosso sangue, retardar a nossa recuperação económica, travar a reconstrução nacional, para que o Zimbabwe fosse independente.

Onde quer que um povo se levante contra o colonialismo, o racismo, a opressão e a exploração, em Timor-Leste ou no Sahara, na Namíbia ou no Chile, o Povo moçambicano está no seu lado, firmemente, apoiando-o por todas as formas ao seu alcance.

Em todos os foruns internacionais, através de muitas múltiplas iniciativas na nossa zona, na OUA, nas Nações Unidas, no Movimento dos Países Não-Alinhados, agimos consequentemente para a defesa da liberdade, da independência, da justiça, do progresso, da justiça social e da paz, pelo desenvolvimento de relações de amizade e de cooperação entre os Estados.

MOÇAMBICANOS,
MOÇAMBICANAS,

Nestes cinco anos de independência criámos a base sólida para a realização dos nossos objectivos finais.

Em 1979, Ano da Consolidação das Nossas Conquistas, definimos a presente década como a da nossa vitória sobre o subdesenvolvimento, pela transformação de Moçambique num país socialista desenvolvido.

Significa que, nesta década, vamos vencer a fome e a nudez, vamos eliminar o analfabetismo e as doenças endémicas, vamos liquidar o desemprego e a miséria.

Significa que vamos lançar e desenvolver os grandes projectos económicos nacionais, os complexos agroindustriais, a indústria extractiva, a siderurgia, a indústria química.

Significa que vamos começar a fabricar os nossos instrumentos, os nossos arados, os nossos tractores, os nossos camiões, as nossas máquinas.

Significa que vamos construir novas cidades, nascidas do campo, onde hoje florescem já as aldeias comunais.

Significa que vamos construir as casas, as escolas e os hospitais que precisamos.

Significa que vamos cultivar o milho, a batata, o trigo, a fruta, as hortícolas, vamos criar o gado à escala necessária para todos termos comida suficiente e exportarmos.

Significa termos as lojas abastecidas e liquidarmos definitivamente as bichas no nosso país.

É este o combate exaltante desta década. É este o combate que vamos travar e que vamos vencer.

Desencadeamos a Ofensiva Política e Organizacional para que, no aparelho do Estado e em todos os sectores produtivos, possamos limpar o matope que impede o nosso avanço, que possamos criar as melhores condições de organização, eficiência, competência, disciplina e dedicação, para o lançamento deste combate.

A enorme adesão popular à ofensiva mostra que o nosso povo está extremamente engajado neste novo combate.

Rêjeita a mentalidade de subdesenvolvimento, incutida pelo colonialismo e enfrenta com decisão as grandes tarefas desta década.

Significativamente, o início da Década da Vitória sobre o Subdesenvolvimento, como expressão do nível de organização e de planificação já atingido pela nossa Economia, criámos a moeda nacional, o Metical.

Nas novas notas e moedas vemos com alegria os símbolos da nossa luta, das nossas conquistas, da nossa cultura, da nossa realidade, do nosso progresso.

MOÇAMBICANOS.

MOÇAMBICANAS.

Celebramos o 5.º aniversário da independência nacional com entusiasmo, com alegria e com orgulho legítimo.

A nossa maior razão de orgulho é podermos afirmar que, nestes cinco anos, com o nosso trabalho, o nosso engajamento, a nossa consciência, a nossa unidade, soubemos merecer e honrar o sangue vertido pelos melhores filhos do nosso povo, durante a resistência ao colonialismo e a luta armada de libertação nacional.

Naquele dia, vendo o trabalho, o esforço, a inteligência, a certeza na vitória com que, colectivamente, construímos a nossa Pátria socialista.

O nosso entusiasmo reside na certeza do futuro — futuro de felicidade de bem-estar, progresso e paz que em cada dia criámos com as nossas mãos de trabalhadores.

A LUTA CONTINUA!
A REVOLUÇÃO VENCERÁ!
SOCIALISMO TRIUNFARÁ!

(De: "Notícias da Beira", 1980-06-25)